

## Grupo escolar Dr. Ubaldino do Amaral – Santo Antônio da Platina (1947-1948): um olhar por meio das fotografias

*School group Dr. Ubaldino do Amaral – Santo Antônio da Platina (1947-1948): a look through photographs*

*Groupe scolaire Dr. Ubaldino do Amaral – Santo Antônio da Platina (1947-1948): un regard à travers des photographies*

Simone Garbelini Parro Pialarissi  
Universidade Estadual de Londrina  
sipialarissi@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-2181-3310>

Simone Burioli  
Universidade Estadual de Londrina  
prof.simone@uel.br  
<https://orcid.org/0000-0002-8766-8331>

### RESUMO

Problematizar e apresentar a história das instituições educativas por meio das fotografias é o objetivo deste texto, uma vez que são poucas as possibilidades que se apresentam de contar a história do Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral em Santo Antônio da Platina. Enfatizamos a importância do uso da fotografia como fonte de pesquisa na História da Educação e retomamos a memória desta escola por meio de cinco fotografias encontradas no arquivo pessoal do professor Durval Pinto, que ocupou o cargo de diretor na referida instituição no período de 1947/1948. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa. A análise possibilitou identificar elementos presentes nas fotografias que permitiram olhar e interpretar a história e a memória do Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral.

**Palavras-chave:** História da Educação. Fotografia. Memória

### ABSTRACT

*Problematizing and presenting the history of educational institutions through photographs is the objective of this text, since there are few possibilities to tell the story of Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral in Santo Antônio da Platina. We emphasize the importance of using photography as a source of research in the History of Education and we summarize the memory of this school through five photographs found in the personal archive of Professor Durval Pinto, who held the position of director of that institution in the period of 1947 and 1948. This is a bibliographic and documentary research, with a qualitative approach. The analysis made it possible to identify elements in the photographs that allowed us to look at and interpret the history and memory of Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral.*

**Keywords:** *History of Education. Photography. Memory.*

## RÉSUMÉ

*Problématiser et présenter l'histoire des établissements d'enseignement à travers des photographies est l'objectif de ce texte, car il y a peu de possibilités qui se présentent pour raconter l'histoire du Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral à Santo Antônio da Platina. Nous soulignons l'importance d'utiliser la photographie comme source de recherche en histoire de l'éducation et nous résumons la mémoire de cette école à travers cinq photographies trouvées dans les archives personnelles du professeur Durval Pinto, qui a occupé le poste de directeur de cette institution à l'époque 1947, Il s'agit d'une recherche bibliographique et documentaire, avec une approche qualitative. L'analyse a permis d'identifier les éléments présents dans les photographies qui ont permis de regarder et d'interpréter l'histoire et la mémoire du Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral.*

**Mots-clé:** *Histoire de l'éducation. La photographie. Mémoire.*

## Introdução

Quando nos reunimos, seja em família ou em um grupo de amigos, estamos sempre à procura de recordações, buscando acontecimentos do passado, fatos que foram importantes e que marcaram de alguma forma as nossas vidas. Sem dúvidas, o ponto de partida para resgatar essas memórias, muitas vezes esquecidas, são as fotografias, registros de momentos que precisam ser eternizados. Abdala (2013, p. 45) aponta que as imagens fotográficas nos ajudam a compreender “os contextos em que foram produzidas, pois expressam valores, escolhas e referências e, ao serem materializadas, têm a possibilidade, inclusive, de ser apropriadas em diferentes contextos e momentos históricos, numa perspectiva de longa duração”.

Atualmente, vivemos uma revolução no uso dos registros fotográficos, com mudanças no modo de registrar os momentos, de armazenar, de manipular as imagens, alterando até mesmo sua credibilidade. Uma era digital em que a fotografia ficou acessível a todos, mas que tem vida curta, devido ao imediatismo e à velocidade em que as informações e os fatos são revelados e prontamente descartados, diferente das fotografias analógicas, que ainda estão guardadas em álbuns ou em alguma gaveta, esperando o momento certo para serem reviradas e revividas. Assim, a fotografia é memória, é uma memória voluntária, revolucionária, repleta de sensibilidades, e “cumpre o seu papel na rememoração, na reminiscência e na redescoberta dos fatos” (FELIZARDO; SAMAIN, 2007, p. 215).

Mais do que uma recordação, a fotografia materializa uma memória do passado, muitas vezes esquecida. Sob essa ótica, destacamos as fotografias escolares, fontes legítimas que nos levam a compreender, em diferentes períodos e localidades, as especificidades da escola pública, pois, “a escola constitui-se como uma das maiores instituições responsáveis pela produção e difusão de imagens mentais e documentais, e pela influência direta em nossa percepção de mundo” (ABDALA, 2013, p. 46).

Nesta perspectiva, este trabalho tem como objetivo problematizar e apresentar a história da instituição escolar por meio da fotografia, discutindo o uso da fotografia como fonte de pesquisa na História da Educação, assim como analisar cinco fotografias que foram encontradas no arquivo pessoal do professor Durval Pinto, doado logo após a sua morte ao já desativado Museu Regional Professor David Carneiro, localizado na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus Apucarana.

As fotografias são registros do Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral, situado no município de Santo Antônio da Platina/PR, dos anos de 1947 e 1948, período em que o professor Durval Pinto ocupou o cargo de diretor na instituição de ensino. São registros enquanto instituição de ensino (figura 1), solenidades (figura 2 e 3) e práticas escolares (figura 4 e 5), e cada fotografia citada “é um suporte de memória e engendra o sentimento de orgulho dos alunos e professores pela escola ao longo do tempo” (ABDALA, 2013, p. 95).

A partir da análise das fotografias, levantamos a seguinte questão: O que as fotografias nos mostram em relação à organização da escola pública no Paraná, em específico acerca do Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral? Temos como hipótese que, guardadas em álbuns de família, escondidas dentro de milhares de gavetas escolares ou particulares, as fotografias escolares estão esperando o momento certo para serem redescobertas e, conseqüentemente, estão prontas para serem reviradas, problematizadas e revividas por pesquisadores da História da Educação, portanto, essas fontes são substanciais para a historiografia. Este trabalho foi elaborado por meio de revisão bibliográfica, pautado em pesquisas anteriores, como livros, artigos, teses e dissertações e também por meio da análise documental das fotografias tomadas como fonte.

## As fotografias escolares como fonte de pesquisa

Kossoy (2021, p. 17) define imagem fotográfica como um “registro visual, expressivo, de um tema qualquer registrado pelo fotógrafo (filtro cultural), viabilizado segundo um Sistema de Representação Visual e materializado ou tornado visível por meio de uma tecnologia fotográfica específica físico-química ou eletrônica”. O autor acrescenta que a fotografia, quando preservada, representa no presente a realidade de um passado ao qual é extremamente impossível retornar, uma junção de espaço e tempo, “um recorte espacial (fragmentação) e uma interrupção temporal (congelamento)” (KOSSOY, 2021, p. 18). Um registro construído pelo produtor da imagem, que perpetuou aquele momento, e mais tarde irá mexer com a imaginação do seu receptor. Logo, as imagens fotográficas intensificam ainda mais os nossos sentimentos, nos levam a refletir e resgatam uma memória já esquecida.

De acordo com Le Goff (1990), ocorreu no século XX uma revolução na memória, principalmente com o advento de uma memória eletrônica, como é o caso da fotografia que auxilia a memória biológica, muitas vezes tão enganadora e inconstante. Mesmo em vista de toda essa revolução tecnológica e do uso excessivo de imagens com o qual nos deparamos atualmente, Felizardo e Samain (2007, p. 218) enfatizam a ideia de que “as pessoas envelhecem e morrem, os objetos e equipamentos se modificam ou se deterioram com o tempo. O que resta é a fotografia, o que nela ficou registrado se materializa e se imortaliza”.

Mais do que isso, é preciso ter a sensibilidade de enxergar além da imagem visual, de tal forma que:

o olhar do pesquisador não pode ser o mesmo de quem folheia jornais, para se informar, pois os pesquisadores precisam ser minuciosos e ter um arsenal de recursos nos quais possibilitem a ter uma pesquisa mais rica em informações e significados. Além disso, devem analisar as imagens com um olhar investigativo, com metodologia e intenção de interpretá-las. Desse modo, tem nas imagens uma forma interessante de identificar o mais simples detalhe que esteja aparente em determinada figura, e revelar o que está por de trás do momento retratado naquele registro (ALENCAR; ARAÚJO, 2021, p. 5).

Sob essa ótica, entre a diversidade de fontes iconográficas que podemos utilizar como objeto de estudo, encontramos as fotografias escolares, um material relevante para compreender e explicar algumas configurações da escola ao longo da História da

Educação. Para Souza (2001, p. 81), as fotografias escolares são “representações de uma cultura institucional veiculadora de conhecimentos, valores, normas e símbolos considerados legítimos. Elas representam singularidades e identidades compartilhadas”.

Em relação às ideias propostas, Bencostta (2011) argumenta sobre a utilização das fotografias apenas como imagens ilustrativas e cita a necessidade por parte do historiador em fazer uma leitura da imagem de forma minuciosa, em problematizá-la a partir das circunstâncias em que foi gerada e da realidade vivida, pois, “a imagem compreende, portanto, um suporte material da memória” (p. 406). No caso das fotografias escolares, “[...] se constituem em um instrumento de memória institucional e de recordação” (p. 409).

Nesta perspectiva, as imagens fotográficas:

nos oferecem, em geral, uma noção verossímil das aparências dos objetos, paisagens e seres de um passado desaparecido, ao contrário das palavras e relatos que nos situam historicamente, mas que remetem à um rosto sem traços, cenários abstratos, vagos e nebulosos a povoarem a imaginação dos leitores (KOSSOY, 2021, p. 26).

A fotografia é entendida aqui como linguagem, arte e registro visual, que possibilita registrar histórias e memórias, mas também “proporcionar novos meios de compreender como a mensagem visual pode comunicar informações que, se fossem apenas no formato textual/verbal, seria difícil ou impossível de conhecê-las” (ALENCAR; ARAÚJO, 2021, p. 2).

Mauad (2005) menciona que há tempos historiadores vêm se apoiando em outros tipos de fontes – além dos textos escritos – para elucidar a história em sua totalidade. Dentre elas, destacam-se as fontes não-verbais, como a fotografia, que representa um testemunho válido, um novo modo de compreender acontecimentos a partir de micro-histórias, do cotidiano, de relações interpessoais. Isso exige do historiador ser “antropólogo, sociólogo e um excelente detetive para aprender relativizar, desvendar redes sociais, compreender linguagens, decodificar sistemas de signos e decifrar vestígios, sem perder, jamais, a visão do conjunto” (MAUAD, 2005, p. 137). A referida autora acrescenta a necessidade de uma alfabetização visual, pois os “olhos como janelas da alma possibilitam experiências múltiplas, entretanto, a experiência crítica, por não tomar como dado aquilo que nos chega aos olhos, torna possível conquistar um olhar inteligente” (MAUAD, 2015, p. 86).

Logo, pensando na fotografia como instrumento de memória institucional, apresentamos o Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral, localizado no município de Santo Antônio da Platina no Norte Velho do Paraná<sup>1</sup>. O prédio do referido grupo foi construído por volta de 1926 e inaugurado em dezembro do ano seguinte, entretanto, sem maiores explicações, o prédio foi demolido em 1969, dando lugar a uma nova construção, o que causou tristeza em grande parte dos moradores da cidade, que consideravam o prédio um marco histórico localizado no centro do município (SEED, 2021).

**Figura 1** - Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral (21/04/1948)



**Fonte:** Acervo Pessoal do Professor Durval Pinto (Museu Unespar-Campus Apucarana)

Por meio da Figura 1, podemos observar o prédio do Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral, que de 1947 a 1952 também abrigou em algumas de suas salas o Ginásio Estadual de Santo Antônio da Platina, até este adquirir prédio próprio em 1953, além de

---

<sup>1</sup> A região é assim denominada devido à divisão do norte do estado em Norte Velho, Norte Novo e Norte Novíssimo. Santo Antônio da Platina começou a ser colonizada por mineiros por volta de 1880 e estava situada na rota cafeeira, tendo essa atividade como sua principal fonte econômica (HERNANDES, 2019).

outras modalidades de ensino (HERNANDES, 2019). Essa imagem nos remete aos preceitos republicanos do início do século XX, pautados na moral, no civismo e no patriotismo. Nas palavras de Souza (2001), as fotografias de prédios escolares, junto com outros edifícios públicos, eram muitas vezes utilizadas para propagar para população brasileira as transformações que vinham ocorrendo nesse período e eram símbolos de modernização, civilização e progresso.

Podemos observar na fotografia que trata-se de um momento cívico, com hasteamento da bandeira e alunos em ordem e nitidamente separados, o que podemos distinguir pela cor dos seus uniformes. No centro da imagem, observamos a presença de alguns professores e, ao lado do coqueiro, notamos a presença dos alunos sentados em cima de uma pilastra do muro, o que demonstra a amplitude da comemoração.

A imponência do prédio construído estrategicamente no centro do município de Santo Antônio da Platina possivelmente teve como intuito chamar a atenção da população. Faria Filho (2000) advoga a ideia de que os Grupos Escolares foram construídos segundo os projetos arquitetônicos mais avançados da época, mudando a imagem da educação pública brasileira. Nessas escolas, havia o despertar para valores morais e higienistas, com um ambiente educativo, alegre, uma paisagem envolvente e que deveria atender as necessidades pedagógicas, nacionalizantes e estéticas.

Assim, foram instituídos nos Grupos Escolares as comemorações cívicas, semelhantemente ao que podemos observar na Figura 1, como o encerramento do ano letivo e a semana da criança, visando aumentar o prestígio dos Grupos Escolares diante da população. O referido autor acrescenta que os Grupos Escolares foram construídos com referência na organização seriada das classes, na utilização racionalizada do tempo, dos espaços e do controle sistemático do trabalho dos professores (FARIA FILHO, 2000).

Nascimento (2004) discorre que:

o principal trunfo das instituições escolares inauguradas no início da República, constituiu em agrupar indivíduos no mesmo espaço, de forma a instruí-los e, ao mesmo tempo adestrá-los, para serem mansos e dóceis tendo em vista enquadrá-los socialmente. Para atender à industrialização que estava em curso, precisou-se da força de trabalho do homem, o qual deveria ser controlada e ideologicamente conscientizada do papel que lhe cabia no processo político e econômico (p. 172).

Souza (1999, p. 138) argumenta que o sistema escolar republicano, junto com as igrejas e as fábricas, tinham o objetivo de ordenar o emprego do tempo, definir “uma política cultural para a população e de encetar os meios pelos quais a escola cumpriria suas finalidades sociais”. Todos seguiam um mesmo ritmo de tempo e uma mesma ordem social.

É importante observar que, ao utilizarmos a fotografia escolar como fonte, nos deparamos com várias questões, como a falta de espontaneidade na fotografia, que em sua maioria eram imagens padronizadas, além da falta de identificação, que dificulta ainda mais a sua leitura e interpretação. Kossoy (2021, p. 27) sustenta que o historiador deve decifrar o “invisível aos nossos olhos, sua realidade interior, sobre a qual pouco ou nada sabemos, porém que abrange uma sucessão de fatos que buscamos determinar por meio de seus indícios; são os elos ausentes na imagem”.

Para exemplificar, temos a Figura 2, uma imagem fotográfica que representa a padronização escolar citada, com a identificação apenas do professor Durval Pinto. A imagem representa alunos do Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral em 1948, mas não sabemos o motivo pelo qual foi feito o registro. Ainda assim, podemos observar que os alunos estão com roupas normalmente destinadas a uma comemoração solene e temos a mesma quantidade de meninos e meninas, porém, há uma separação entre os sexos. Ao centro, observamos a figura do professor Durval Pinto e ao seu lado estão sentadas duas professoras.

Diferentemente das fontes escritas, muitas vezes não encontramos na fotografia escolar os nomes das pessoas, o local exato e a data. Essas ausências tornam a fotografia um “testemunho precário, porém evocativo de um modo de ser e representar a escola” (SOUZA, 2001, p. 77).



**Figura 2** - Alunos do Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral (1948)



**Fonte:** Acervo Pessoal do Professor Durval Pinto (Museu Unespar-Campus Apucarana)

Souza (2001, p. 90) caracteriza a escola nas primeiras décadas do século XX como um “espaço da ordem, da obediência, do silêncio e da disciplina, cuja representação é confirmada nesse tipo de imagem”, um tipo de registro coletivo muito comum que representa a organização escolar. Esse enquadramento de todos os alunos, a posição que cada um ocupa, meninas sentadas e meninos em pé ao fundo e os professores no centro reafirmam uma hierarquia. Podemos observar também a presença de um professor e de alguns alunos negros, fato que muitas vezes não encontramos nos registros escolares, o que gera grandes discussões.

Segundo Abdala (2013), esse tipo de registro coletivo apresenta uma organização, uma simetria, como podemos observar na última fileira de baixo para cima, na qual está bem nítida a harmonia dos elementos que constituem a fotografia. Ainda segundo o autor, a fotografia escolar

guarda estreitas relações com a forma como a sociedade projeta e constrói imagens de si mesmas nos diversos cenários e ações do seu cotidiano. A escola produz imagens representadas pelas fotografias

que, ao mesmo tempo em que refletem suas práticas, mantêm um padrão de representação social que articula a cultura escolar aos condicionamentos sociais (ABDALA, 2013, p. 27).

Do mesmo modo, além de realçar a função social e cultural da instituição de ensino diante da população, esse tipo de fotografia simboliza uma fase da vida da criança que precisa ser registrada e lembrada, um momento significativo e cheio de afeto, que ficará guardado nos álbuns de família, pois enquanto há pessoas “que se recordam dos acontecimentos retratados ou dos fotografados, sobressai um pouco mais o conteúdo latente da fotografia. No entanto, o desaparecimento dos referentes emudece a imagem que sobrevive apenas em seu conteúdo manifesto” (SOUZA, 2001, p. 80).

A já mencionada questão da organização, simetria e disciplina pode também ser observada na Figura 3, mas por uma outra vertente, já que os alunos do grupo escolar ocupam todo o espaço da praça central de Santo Antônio da Platina. Diante dos detalhes e do posicionamento da imagem, é possível que essa fotografia tenha sido tirada pelo professor Durval Pinto da torre da igreja matriz, tanto pela sombra refletida no lado direito da fotografia, quanto pela construção ser a mais alta e a única que possibilitaria alcançar a praça toda pelo mesmo ângulo, uma imagem bem interessante e enigmática. Notamos que, estrategicamente, estão posicionadas entre os alunos algumas professoras, e nos círculos estão alunos com uniformes diferentes, podendo se tratar dos alunos do Ginásio, que nesse período funcionava no mesmo prédio do Grupo Escolar. Sem dúvidas, esse é um momento

[...] organizado, orquestrado, montado, no qual estão todos envolvidos com a ação, esperando as orientações do fotógrafo. A ansiedade, a dificuldade de permanência no lugar certo e na pose adequada são elementos presentes como parte constitutiva do registro fotográfico (ABDALA, 2013, p. 182).

**Figura 3** - Alunos do Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral na praça de Santo Antônio da Platina/PR (1948)



**Fonte:** Acervo Pessoal do Professor Durval Pinto (Museu Unespar-Campus Apucarana)

A fotografia acima, registrada na praça de Santo Antônio da Platina, assim como algumas das classes escolares, que são padronizadas, apresentam, na concepção de Souza (2001, p. 93), poses tão engessadas que representam uma “caricatura da disciplina escolar”. Diferentemente, encontramos nas Figura 4 e 5 o interior de duas salas de aula de uma forma mais natural. Os alunos certamente estavam cientes de que seriam fotografados, o que podemos notar pelas vestimentas, porém, são imagens mais descontraídas e reveladoras, pois alguns olham para a frente como se estivessem copiando do quadro, outros olham para o fotógrafo e algumas alunas da seção feminina trazem de forma discreta um tímido sorriso no rosto.

Primeiramente, o que nos chama a atenção nessas duas fotografias é o fato de que, por se tratarem de salas de Ensino Supletivo, não é comum encontrar imagens desse tipo de turma, pois geralmente encontramos imagens de crianças do ensino primário e não de jovens e adultos. Sobre o Ensino Supletivo, Araújo (2015) argumenta que alfabetizar a população adulta passou a ter importância após a Constituição de 1891, que proibia o voto de analfabetos, mas tal feito só obteve êxito em 1925 com o Decreto nº 16.782-A, que estabelecia a idade máxima de 11 anos para concluir o ensino primário, porém, possibilitava a abertura de escolas noturnas para alfabetizar a população adulta. Após a década de 1940, ocorreram mudanças significativas na educação de adultos: o curso passou a ser denominado Ensino Supletivo e começou a receber recursos do Fundo Nacional de Ensino Primário. Nesse período, visando o desenvolvimento do país, o

governo federal iniciou “um projeto de alfabetização em massa pela modalidade supletiva” (ARAÚJO, 2015, p. 81).

Em 1947, foi criado o Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e nele foi instalado a Comissão de Educação Popular, que trazia em seu Parecer a inclusão de adolescentes no Ensino Supletivo. Esta nomenclatura causou grandes discussões entre intelectuais e educadores brasileiros, pois não se tratava de uma educação supletiva (suplemento), já que muitos não tiveram acesso a nenhum tipo de educação anterior, e sua eficácia era questionada. Para a elite política brasileira, “do analfabeto adulto não era esperado senão que, na medida do possível, aprendesse a escrever, ou melhor, desenhar o seu próprio nome” (ARAÚJO, 2015, p. 88).

Podemos observar nas Figuras 4 e 5 que, devido às lâmpadas acesas e às janelas escuras, que aulas naquele momento eram noturnas, característico do ensino supletivo. Mais interessante é a divisão de classes em seção feminina e masculina, principalmente por se tratar de uma escola supletiva, na qual a maioria dos alunos já tinham uma idade mais avançada. No entanto, Souza (2001, p. 88) argumenta que tal característica foi comum no ensino público brasileiro até início de 1970, uma ação “motivada e mantida por princípios morais”.

Nesta perspectiva, ao analisar a seção feminina na Figura 4, observamos que a classe está composta por mais de 30 alunas e uma professora. Entre essas alunas, notamos que elas não são da mesma faixa etária, justamente por conta do já citado Parecer de 1947, que inclui o adolescente no ensino supletivo, e que há uma quantidade expressiva de mulheres negras que trazem em seus rostos expressões diversas, algumas extrovertidas, outras tímidas e algumas intimidadas. Porém, são mulheres com representatividade que estavam em busca de uma educação que não puderam por algum motivo adquirir na idade adequada e ideal para o ensino elementar. Analisando a imagem de forma minuciosa, essa diferença de idade observada na seção feminina pode ser dar por serem de adolescentes que estavam acompanhadas por suas mães, ou irmãs mais velhas, pois encontramos características físicas semelhantes em algumas duplas que estão sentadas juntas nas carteiras escolares, despertando essa hipótese.

**Figura 4:** Escola Supletiva de Santo Antônio da Platina – Seção Feminina (1947)



**Fonte:** Acervo Pessoal do Professor Durval Pinto (Museu Unespar-Campus Apucarana)

**Figura 5:** Escola Supletiva de Santo Antônio da Platina – Seção Masculina (1947)



**Fonte:** Acervo Pessoal do Professor Durval Pinto (Museu Unespar-Campus Apucarana)

Na Figura 5 da seção masculina, também notamos a mesma quantidade de carteiras, com uma sala cheia de alunos de diferentes idades, raças e classes sociais. Temos

a presença de três professores, duas mulheres à direita e o professor Durval Pinto no centro. A turma apresenta as mesmas características da seção feminina e mantém o mesmo modelo de sala, o mesmo padrão e a mesma posição das carteiras, iluminação e piso de madeira. Enfim, tanto a Figura 4 da seção feminina quanto a Figura 5 da seção masculina são imagens escolares que nos apresentam “indícios, pistas, nos revela fatos desconhecidos por vezes nunca mencionados pela história escrita, nos faz refletir sobre o aparente e as aparências, nos informa e emociona, todavia, ela também se presta à desinformação, a transmitir preconceitos [...]” (KOSSOY, 2021, p. 33). Mesmo não tendo um registro escrito apresentando os detalhes da fotografia, ela ainda guarda “na sua superfície sensível a marca indefectível do passado que as produziu e consumiu” (MAUAD, 2005, p. 172), vindo enriquecer ainda mais as pesquisas sobre a História da Educação Pública paranaense.

## Considerações Finais

O uso da fotografia como fonte de pesquisa nos revela uma realidade que vai além do visual, pois ela é testemunho de um passado que não volta mais, mas que pode ser revivido por meio da imagem. A fotografia desperta a nossa curiosidade, mexe com os nossos sentimentos, traz recordações repletas de sensibilidade e de realidade (por mais artificiais, ideológicas e padronizadas que sejam), é um instrumento de memória que desperta a nossa imaginação. Dentro das instituições escolares, a fotografia exerce uma importante função, pois é produtora de formas diferentes de se ver a escola, a sua arquitetura, as práticas escolares, as solenidades. Assim, encontramos fotografias que são registradas de uma forma mais informal e outras produzidas por profissionais, muitas vezes contratados pela própria instituição de ensino.

Desta forma, é importante olhar para as fotografias não só como reproduzidas das realidades institucionais escolares, mas também como reproduzidas de imagens que refletem também um cunho social, urbano e histórico. Por isso, é necessário ir além da imagem, é preciso compreender o contexto social em que ela foi produzida, as intenções de quem fez o registro, por que foram guardadas e como ela vai chegar até o leitor.

Os registros fotográficos de solenidades como formaturas e datas cívicas e religiosas, assim como das comemorações escolares de um modo geral são testemunhos

de práticas escolares que sobrevivem guardadas não só na memória, mas também dentro das gavetas de quem de algum modo participou desses momentos.

Por fim, a análise possibilitou identificar elementos presentes nas fotografias que permitiram olhar e interpretar a história e a memória do Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral. Ademais, o presente trabalho teve como intuito discutir o uso da fotografia como fonte de pesquisa para a História da Educação, com um recorte temporal e espacial bem específico, um material que enriquece os estudos historiográficos e que nos leva a visualizar algo que apenas imaginávamos por meio da escrita.

No que tange às ideias propostas, é possível dizer que as fotografias escolares não são apenas representações de momentos muitas vezes engessados pelo homem, mas sim que possuem uma função social, pois resgatam sentimentos e nos revelam um olhar diferente sobre alunos e professores, sobre importantes momentos vividos na instituição de ensino, e até mesmo perpetuam a imagem de edifícios escolares, que após serem demolidos, como o caso do Grupo Escolar Dr. Ubaldino do Amaral, ficam apenas na memória de antigos moradores do local, que um dia, como um sopro, se apagarão.

## Referências

- ABDALA, Raquel Duarte. **Fotografias escolares: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)**. 314f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04112013-113939/pt-br.php>> Acesso em: 22 fev. 2022.
- ALENCAR, Larissa Barbosa; ARAÚJO, Gustavo Cunha de. A fotografia como fonte de pesquisa para História e Memória de um município tocantinense. **Uningá Review Journal**, Maringá, v. 36, 2021. Disponível em: <<https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/4110>> Acesso em: 24 jun. 2022.
- ARAÚJO, Adálcio Carvalho de. Educação Supletiva e Ensino Supletivo como Política Nacional: nas trilhas da história da Educação de Adultos – da Constituição de 1891 à Lei nº 5.692/71 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Perspectivas em Políticas Públicas**, Belo Horizonte, v. VIII, n. 16, p. 69-100, 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/lucianasouza-journal-manager-artigo-3-ppp16.pdf>> Acesso em: 16 dez. 2021.
- BENCOSTTA, Marcus Levy. Memória e Cultura Escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. **História (São Paulo)**, v. 30, n. 1, p. 397-411, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/7hMqfXTZYj83kzB4nVcMBdz/?lang=pt#>> Acesso em: 16 dez. 2021.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços

escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, 2000. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a03>> Acesso em: 18 dez. 2021.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007. Disponível em:  
<<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1500>>  
Acesso em: 16 dez. 2021.

HERNANDEZ, Lucas Batista. **Cultura Escolar no Norte Pioneiro do Paraná: o ginásio estadual de Santo Antônio da Platina-PR (1945-1960)**. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019. Disponível em:  
<<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000226673>> Acesso em: 16 dez. 2021.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História: as tramas da representação fotográfica. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 70, 2021. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/52357>>  
Acesso em: 16 dez. 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **A primeira escola de professores dos Campos Gerais – PR**. 206f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2004. Disponível em:  
<[http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/473/TESE\\_MariaIsabelMouraNascimento.pdf?sequence=1](http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/473/TESE_MariaIsabelMouraNascimento.pdf?sequence=1)> Acesso em: 18 dez. 2021.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 133-174, 2005. Disponível em:  
<<https://doi.org/10.1590/S0101-47142005000100005>> Acesso em: 19 ago. 2023.

MAUAD, Ana Maria. Usos funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar. **História da Educação**, v. 19, n. 47, p. 81-108, 2015. Disponível em:  
<<https://doi.org/10.1590/2236-3459/47244>> Acesso: 19 ago. 2023.

SOUZA, Rosa Fátima. Fotografias Escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 18, p. 75-101, 2001. Disponível em:  
<<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/32819>> Acesso em 10 dez. 2021.

SOUZA, Rosa Fátima de. Tempos de infância, tempos de escola: a ordenação do tempo escolar no ensino público paulista (1892-1933). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 127-143, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v25n2/v25n2a10.pdf>>  
Acesso em: 25 fev. 2022.

PARANÁ, Estado do. **Secretaria de Estado da Educação-SEED**. Disponível em:  
<<http://www.snpubaldino.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>>



> Acesso em: 18 dez. 2021.

**Revisores de línguas e ABNT/APA:** *Adriana Rocha Miranda Valle, Licenciada em Letras-  
Inglês pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: adrianarmiranda99@gmail.com*

**Submetido em 05/07/2022      Aprovado em 14/10/2023**

Licença *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)